

**F**oi há quase dois meses que a rotina se virou do avesso. Acabou-se o frenesim matinal para chegar a tempo da creche ou do jardim de infância, as horas de brincadeira com os amigos, as idas ao parque e a disputa pelo lugar no baloiço e pela descida no escorrega. O vírus que anda lá fora não o permitia. Em compensação, deixou de faltar o tempo para estar com os pais, agora presentes 24 sobre 24 horas. E a segurança foi mantida entre as quatro paredes de casa, com os contactos reduzidos ao mínimo. Agora que chegámos ao desconfinamento, é preciso fazer o caminho inverso. Mas os primeiros passos não são fáceis.

Há pais que têm medo que as suas crianças fiquem doentes ao regressar às creches — a abertura será a 18 deste mês —, ou que infetem os seus familiares adultos, ou que algo de mal aconteça aos seus, apesar de a evidência até agora recolhida mostrar que a pandemia poupa as crianças em termos de evolução dos sintomas.

“No Hospital de Dona Estefânia tivemos cerca de 90 crianças internadas com covid-19 e temos dois casos nos cuidados intensivos. Tem corrido bem. Mas ninguém pode garantir que vá sempre correr bem. Esta reabertura gradual é a solução possível e equilibrada entre o retorno à atividade económica e a proteção sanitária. Se a preocupação fosse apenas de saúde, então as crianças continuariam confinadas”, resume Gonçalo Cordeiro Ferreira, diretor da área de pediatria médica do Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central e presidente da Comissão Nacional de Saúde Materna, da Criança e do Adolescente.

Nos consultórios dos pediatras, as perguntas repetem-se. É seguro regressar às creches? Que cuidados vou precisar de ter? “São decisões difíceis. O risco para as crianças e pais, em termos de gravidade da doença ou de morte, é ínfimo. A questão coloca-se mais ao nível de serem potenciais transmissores. Só que, além dos dados factuais e objetivos, há um enorme território do que não sabemos e outro igualmente grande que são os receios e a avaliação subjetiva da situação e dos interesses em conflito. Quando me perguntam, tento esclarecer, mas sobretudo tento entender, nunca emitindo juízos de valor”, explica o pediatra Mário Cordeiro.

#### A VANTAGEM DA PRIMAVERA

Para Hugo Rodrigues, também pediatra e autor do site “Pediatria para Todos”, no caso dos pais que não têm necessidade imediata de pôr os filhos na creche, adiar a decisão por mais um tempo será o mais avisado. Por duas razões: “Permite avaliar a evolução da situação e facilitar a implementação das medidas nas creches, que podem assim começar a funcionar com grupos mais pequenos e com maior distanciamento.”

E há também o caso das crianças mais vulneráveis, em particular as que têm dificuldades respiratórias. “Antes de regressarem, devem contactar os seus pediatras e alergologistas”, aconselha o especialista nesta área e médico no Hospital de Dona Estefânia Nuno Neuparth. Sendo certo que há uma regra de ouro dentro das salas: é preciso arejar os espaços, abrir janelas e evitar sempre a ventilação artificial, como o ar condicionado.

De resto, há situações que nem vale a pena pensar que se aplicam a crianças destas idades. Já se sabe que as máscaras só serão obrigatórias nas escolas a partir dos seis anos e que garantir sempre o distanciamento ou evitar a partilha de brinquedos entre os mais pequenos é uma ilusão. “As crianças não podem ficar separadas. Inevitavelmente acumulam-se umas sobre as outras. Se assim não for, corremos o risco de as creches transformarem-se numa espécie de canil”, avisa Gonçalo Cordeiro Ferreira. O reverso da medalha é o risco de aumento de contágio. “Se já todos chamámos ‘infectários’ aos infantários, então é óbvio que a preocupação existe. Cabe às escolas fazerem o que puderem. Mas também aos pais velarem para que as eventuais hipóteses de transmissão do vírus diminuam”, defende Mário Cordeiro.

Mas se há uma altura boa para experimentar o regresso é agora. Não só o vírus da gripe não circula na primavera e no verão, como as crianças podem estar praticamente todo o tempo ao ar



EDUCAÇÃO

INVESTIGAÇÃO

19

# O DIFÍCIL REGRESSO À ESCOLA

Com a reabertura das creches marcada para 18 deste mês, é uma nova fase que se inicia em direção à normalidade possível. Mas os receios são muitos. Para já, será um regresso a meio gás e com muitos cuidados

Texto ISABEL LEIRIA E CHRISTIANA MARTINS Foto NUNO BOTELHO

livre. “O risco de contágio é claramente mais baixo no exterior e o vírus é muito sensível aos raios ultravioleta”, indica Gonçalo Cordeiro Ferreira.

Na quinta-feira, durante a conferência diária da Direção-Geral da Saúde, a diretora, Graça Freitas, apelou à confiança dos pais nas medidas que estão a ser tomadas pelas autoridades para minimizar os riscos de um regresso às escolas (ver texto ao lado), lembrando, no entanto, que em nenhuma situação existe proteção total. “O risco de voltar à escola é o risco de viver em comunidade. Vamos ter de nos habituar a viver com esta nova realidade, este vírus veio para ficar e o que temos de fazer é cumprir as regras para nos protegermos.”

A verdade é que as semanas foram passando e é sobretudo em casa que as crianças têm ficado. Felizes da vida por estarem com os pais. Mas também com manifestações de uma alteração profunda das rotinas. Há mais idas para a cama dos pais durante a noite, mais birras, mais acidentes com chichi. E voltar para a escola pode não ser o que mais lhes apetece agora.

“O Gabriel nunca pergunta quando vai poder voltar. Apenas fala de vez em quando dos três amigos que lá tem. No outro dia encontramos a educadora de infância no jardim e ele fingiu que não a conhecia. E ele até se dava particularmente bem com ela”, conta o pai da criança, de três anos. Mas estes são comportamentos facilmente reversíveis, acredita Hugo Rodrigues: “Dois meses têm pouca expressão num processo de desenvolvimento que se desenrola ao longo de anos. Não me parece que os pais precisem de se preocupar com efeitos negativos que perdurem. É importante que vejam esta adversidade também como uma oportunidade para



terem mais tempo de qualidade com os filhos.”

“Temos de ser inventivos e criativos, porque esta situação, com altos e baixos, ainda vai perdurar. Insisto com os pais para saírem e darem os chamados passeios higiénicos, que podem ser feitos com calma, alegria e sem risco nenhum”, aconselha Mário Cordeiro.

Da parte dos responsáveis das instituições já se prepara o regresso. Só que nem todas as creches irão conseguir abrir, alerta Susana Batista, presidente da Associação de Creches e Pequenos Estabelecimentos do Ensino Particular (ACPEEP). De um inquérito a 88 associados da ACPEEP, 12 já disseram que não vão reabrir a 18 de maio, já que os custos de funcionamento — que passam por retirar os funcionários do *lay-off* — e o investimento necessário (em material e equipamento de proteção) não são compensados por uma procura tão reduzida.

Há pais com receio, mas há também os que, não tendo jardins de infância e escolas primárias onde deixar os filhos mais velhos, continuam a ter de ficar em

casa, critica a presidente da associação, que tem defendido a abertura em simultâneo destes níveis de ensino.

**A IMPORTÂNCIA DE TESTAR**

Já entre as creches do sector solidário o cenário é mais otimista, indica Lino Maio, presidente da Confederação Nacional das Instituições Particulares de Solidariedade Social. Entre as mais de mil creches sondadas, responderam cerca de 60%, relatando uma adesão significativa dos pais a esta primeira fase de reabertura. O Estado manterá o apoio que dá às famílias com crianças até aos 12 anos até ao final do mês. “Há pais que irão poder continuar com os filhos em casa. Será, por isso, um regresso a meio gás”, antecipa.

Ao todo, existem 2400 creches no país, frequentadas por mais de 100 mil crianças e onde trabalham 29 mil funcionários. Esta semana iniciou-se o plano de testes de diagnóstico a todos eles, tal como está a ser feito nos lares, e que deve estar concluído até ao próximo fim de semana, a tempo do primeiro passo de reabertura das instituições que cuidam das crianças.

Só que esta é uma preocupação que terá de continuar ao longo do tempo, avisa o virologista Paulo Paixão. “Ao menor sintoma, há que testar as crianças, os cuidadores e as famílias. E tem de haver grande capacidade de comunicação e interação com as autoridades de saúde. Isto para que não surjam focos de transmissão como aconteceu em alguns lares. Testar, testar, testar é o ponto crucial.”

Se tudo correr bem, a 1 de junho será a vez de abrirem jardins de infância e centros de atividade de tempos livres. Já a 18, voltam às aulas os alunos do 11º e do 12º.

leiria@expresso.imprensa.pt

**Na Dinamarca e Noruega, por agora tudo bem**

Na Dinamarca, as escolas fecharam no mesmo dia que em Portugal (16 de março) e começaram a reabrir passado um mês: primeiro as creches, depois as primárias e último ano do secundário. Foi o primeiro país europeu em confinamento a abrir as portas das escolas, e três semanas depois a situação continua controlada. “O balanço ainda não foi oficialmente apresentado, mas na comunicação social quase não se ouve falar de problemas. As autoridades têm feito um grande esforço de comunicação e informação, que geram confiança”, resume Sílvia Schiermacher, conselheira cultural na embaixada portuguesa no país. Quanto à evolução da epidemia, a tendência continua a ser de descida (145 novos casos a 7 de maio, num país com pouco mais de metade da população de Portugal), ainda que já tenha havido casos positivos em escolas. “Ao mínimo sintoma, entre professores e alunos,

fica-se em casa, contacta-se o médico de família e faz-se o teste”, conta a conselheira. Na Noruega, que começou a reabrir as creches a 27 de abril e as primárias a 20 — numa base voluntária e desaconselhando a ida de crianças de risco —, o balanço também é “globalmente positivo”. A situação continua controlada, sem “focos de contágio específico em instituições de ensino”. Em ambos os países as regras são apertadas: os pais não entram na escola, lavam-se as mãos com regularidade e os brinquedos várias vezes ao dia, dividem-se as crianças por grupos e privilegiam-se as atividades ao ar livre. Ambos esperam abrir os restantes níveis de ensino antes do verão. I.L.

**OS CUIDADOS A TER**

A reunião entre a Direção-Geral da Saúde e os representantes das creches estava marcada para a tarde de sexta-feira, já depois da hora do fecho desta edição. Dela devem sair as regras de segurança e higiene que terão de ser garantidas. Mas já antes a Associação de Creches e Pequenos Estabelecimentos de Ensino Particular tinha elaborado o seu guia. Ao Expresso, três médicos do Hospital de São João (Eunice Trindade, diretora do serviço de Pediatría, Carlos Lima Alves, coordenador da unidade de prevenção de infeção, e Margarida Tavares, infecciologista) também apontam algumas recomendações que pais e educadores devem seguir.

**ANTES**

Desinfeção geral das instalações, formação do pessoal nas medidas de prevenção, proteção e atuação em casos suspeitos, distribuição de equipamentos de proteção individual, com dispensador de desinfetante à entrada de uso obrigatório. Deverá ser proibida a presença de grupos de risco (pessoas com mais de 65 anos, crianças e adultos com sistema imunológico fraco e doenças de risco para a covid-19).

**DURANTE**

Medição da temperatura de crianças e funcionários, à entrada e a meio do dia; proibição de entrada de brinquedos ou objetos de casa; os funcionários devem ter roupa e calçado específicos para usar apenas dentro da creche, tal como as crianças devem ter um calçado próprio para usar no interior das salas; suspensão da escovagem dos dentes no estabelecimento; devem ser promovidas o mais possível as atividades ao ar livre e poderá haver necessidade de reduzir o horário de funcionamento.

**PARA OS PAIS**

Preste atenção a sinais de doença na sua criança. A qualquer sintoma deve ficar em casa. Ou se forem os pais a estar doentes, ninguém deve sair também. Ao levá-la até à creche, se possível, deixe-a à porta, no exterior. Não permita que leve brinquedos de casa, mas prepare uma muda de roupa para que ela possa usar no exterior, permitindo que passe a maior parte do tempo fora das salas. E quando a for buscar evite ajuntamentos com outras crianças e pais. Ensine-a a lavar bem as mãos e, quando possível, explique as recomendações gerais e de higiene e distanciamento.

**PARA OS EDUCADORES**

Ensinar às crianças as regras de etiqueta respiratória e lavagem das mãos com água e sabão, gesto que deve ser feito com frequência por todos e supervisionado pelos adultos. Devem lavar as mãos antes e depois de trocar fraldas, ajudar as crianças na ida à casa de banho e na alimentação. Deverão ainda evitar a partilha de brinquedos e de comida e limpar e desinfetar com frequência superfícies, brinquedos e equipamentos. I.L. e C.M.

**Como será no 11º e 12º**

**QUE ALUNOS VÃO TER AULAS PRESENCIAIS?**

Todos os estudantes do 11º e 12º anos dos cursos gerais e os dos anos equivalentes (2º e 3º) dos cursos profissionais e outras vias de ensino secundário regressam às escolas a 18 de maio. Serão cerca de 200 mil.

**É OBRIGATÓRIO IR?**

Não. Os pais podem decidir que os filhos não vão, não é preciso qualquer atestado médico e as faltas serão consideradas justificadas. Mas a partir do momento em que a escola garante aulas presenciais, deixa de ser obrigada a facultar o ensino à distância nessas disciplinas.

**QUE DISCIPLINAS IRÃO TER OS ALUNOS?**

Só haverá aulas às 22 disciplinas sujeitas a exame. Mas a frequência acontece apenas no ano de realização do exame. Ou seja, no caso das disciplinas trienais, como Português, só no 12º e nas biennais no 11º. Por isso, os alunos do 11º vão ter aulas a 4 disciplinas e os do 12º apenas a duas.

**SIGNIFICA QUE FARÃO TODOS OS EXAMES?**

Não. Excepcionalmente, os exames nacionais este ano letivo só serão feitos pelos candidatos ao ensino superior e apenas se forem exigidos por cursos superiores desejados pelos alunos.

**IRÁ HAVER AULA DE ALUNOS POR...**

20

O ministério só determinou que tem de ser cumprida a distância de segurança — dois metros. Ou seja, haverá apenas um aluno por carteira e, se necessário, a turma é desdobrada em dois grupos, recorrendo, se for preciso, a um segundo professor para a disciplina. Se não houver, a carga horária é reduzida para metade e o resto do tempo é ocupado com trabalho autónomo dos alunos.

**QUE OUTRAS MUDANÇAS VAI HAVER?**

Além dos cuidados de limpeza e desinfeção dos espaços, os intervalos entre aulas devem ser curtos e os alunos devem permanecer, em regra, na sala de aula. Bar, *buffer* e salas de convívio estarão fechadas.

**OS PROFESSORES TERÃO TODOS DE VOLTAR?**

Não. Quem pertencer aos grupos de risco identificados pela Direção-Geral da Saúde — por exemplo, doença cardíaca, diabetes ou pessoas com o sistema imunitário comprometido — não tem de ir à escola, cabendo às direções arranjar uma solução. Entre as alternativas, prevê-se a distribuição do serviço por outros professores, a manutenção do ensino à distância nessa disciplina, com algum apoio presencial na escola por parte de outro docente, ou o recurso a mecanismos de substituição.

**A DECISÃO DO GOVERNO É CONSENSUAL?**

Não. Há professores que têm argumentado que o risco acrescido de reabrir não traz qualquer retorno económico e que a manutenção dos exames só vai agravar as desigualdades. I.L.

**O RISCO DE VOLTAR À ESCOLA É O RISCO DE VIVER EM COMUNIDADE. VAMOS TER DE NOS HABITUAR A VIVER COM ESTA NOVA REALIDADE. ESTE VÍRUS VEIO PARA FICAR**